

A Hermenêutica Pentecostal e a valorização teológica de Lucas-Atos

*Wender Aparecido de Jesus*²⁰⁴

Resumo: A obra em dois volumes de Lucas conhecida como Lucas-Atos, tem despertado o interesse de muitos estudiosos no decorrer dos anos, as discussões giram em torno do propósito de Lucas ao escrever a sua obra. Lucas-Atos é apenas um texto narrativo? Ou pode ser entendido como um texto teológico? Lucas é historiador ou teólogo? A hermenêutica pentecostal vai contribuir para essas discussões. A proposta deste artigo é mostrar que a hermenêutica pentecostal entende os escritos lucanos não apenas como narrativa, um texto que visa apenas informar, mas também como teologia, um texto que busca incentivar a vivência experiencial.

Palavras-Chave: Hermenêutica Pentecostal, Lucas-Atos, Espírito Santo.

Abstract: Luke's two-volume work known as Luke-Acts has piqued the interest of many scholars over the years, with discussions centering around Luke's purpose in writing his work. Is Luke-Acts just a narrative text? Or can it be understood as a theological text? Is Luke a historian or a theologian? Pentecostal hermeneutics will contribute to these discussions. The purpose of this article is to show that Pentecostal hermeneutics understands Lucan's writings not only as a narrative, a text that aims only to inform, but also as theology, a text that seeks to encourage experiential living.

Keywords: Paulo; Romans; eschatology-inaugurated, interpretation.

²⁰⁴ Mestrando em estudos bíblicos e teológicos do Novo Testamento pelo Seminário teológico Jonathan Edwards – STJE. Pós-graduado em Teologia Sistemática pela Faculdade Batista de Minas Gerais - FBMG. Pós-graduado em Teologia Bíblica pelo Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper - CPAJ. Pós-graduado em Aconselhamento Pastoral e Ciências da Religião pelo Instituto Pedagógico de Minas Gerais - IPEMIG. Pós-graduando em Teologia Filosófica pelo Seminário Teológico Jonathan Edwards – STJE. Bacharel em Teologia pela Faculdade Batista de Minas Gerais – FBMG. E-mail: wender.apjesus@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Ao longo da história da igreja e da teologia, muitas controvérsias foram surgindo, podemos citar como exemplo, as duas naturezas de Jesus Cristo, a Trindade. Essas controvérsias vêm desafiando os eruditos, elas surgem por causa da limitação humana diante da revelação de Deus. Os escritos de Lucas conhecidos como Lucas-Atos, não estão fora dessas controvérsias, eles têm chamado a atenção dos estudiosos ao longo dos anos, muitas discussões vêm sendo feitas, a maior parte delas gira em torno do significado dos escritos lucanos. Lucas-Atos é uma narrativa, ou pode ser entendido como teologia? Lucas é historiador ou teólogo? Como devemos entender “o Batismo do Espírito Santo”, de acordo com Paulo ou Lucas? A resposta a essas perguntas, influenciarão diretamente a interpretação e aplicação dos escritos lucanos, pois as mesmas se apresentam como pressupostos à interpretação do texto. Por exemplo, os tradicionais entendem Lucas-Atos apenas como narrativa, os textos lucanos não podem ser usados para se fazer teologia, pois os mesmos são apenas descritivos. Por outro lado, os pentecostais interpretam Lucas-Atos não apenas como narrativa, mas também como teologia. É neste contexto de discussão sobre Lucas-Atos que a hermenêutica pentecostal surge como mais uma proposta legítima para a solução do problema. Entendendo a importância dos escritos lucanos não apenas para a teologia, mas para a vida da igreja, o presente artigo tem como propósito apresentar as contribuições da hermenêutica pentecostal para a leitura de Lucas-Atos.

Para isso o texto está dividido em três partes: Na primeira parte vamos apresentar a hermenêutica pentecostal como uma proposta legítima para a interpretação dos escritos lucanos, passando pelo seu desenvolvimento histórico até chegar a contemporaneidade. Na segunda parte vamos analisar as várias propostas hermenêuticas para a interpretação de Lucas-Atos, considerando os diversos problemas metodológicos que precisam ser resolvidos para que possamos compreender os escritos lucanos de acordo com o seu propósito original. Na terceira parte vamos compreender como a hermenêutica pentecostal chama a nossa atenção para a teologia de Lucas, trazendo uma valiosa contribuição para a leitura e a prática dessa importante obra do Novo Testamento. A obra de Lucas-Atos ganhará um novo peso em nossa interpretação, ela não estará limitada a teologia paulina, ou joanina, vamos deixar Lucas falar por si mesmo, compreendendo-o em seu próprio contexto. Lucas será conhecido não apenas como um historiador que busca informar sobre fatos ocorridos num passado distante, mas também como um teólogo, que busca ensinar os seus leitores que o mesmo Deus

que atuou no passado, continua atuando no presente e atuará no futuro. Lucas-Atos é história e teologia.

2. Hermenêutica Pentecostal

Existe uma hermenêutica pentecostal? Se a resposta for afirmativa, o que caracteriza essa hermenêutica? Antes de respondermos a essa pergunta, precisamos definir o que significa a palavra hermenêutica, de acordo com Osborne:

...a hermenêutica é uma ciência, uma vez que faz classificação lógica e ordenada das leis da interpretação [...] e hermenêutica é uma arte, uma vez que é um conhecimento que se adquire e exige tanto imaginação quanto competência para aplicar as “leis” às passagens selecionadas ou aos livros [...] a hermenêutica quando utilizada para interpretação das Escrituras, é um ato de caráter espiritual realizado na dependência da direção do Espírito Santo (OSBORNE, 2009, pág.26).

Osborne afirma que a hermenêutica possui três características fundamentais, ela é uma ciência, uma arte e precisa ser realizada na dependência e direção do Espírito, o que indica o caráter sagrado da hermenêutica. O grande problema é que muitos acadêmicos de hoje em dia desprezam a dimensão sagrada da Escritura e acabam abordando o texto apenas como literatura (OSBORNE, 2009, pág.26). A hermenêutica estabelece princípios para a interpretação do texto, se desconsiderarmos o princípio sagrado, isto é, a direção do Espírito, incorreremos no erro de reduzir a interpretação a ferramentas meramente racionais.

A hermenêutica enquanto método não é inspirada pelo Espírito Santo, e como tal é passiva de erros e limitações. Confiar plenamente na hermenêutica como método é se colocar num caminho escorregadio, pois mesmo “o crente em Cristo que nunca tenha frequentado aulas de teologia ou ouvido falar em *exegese* inicia naturalmente uma caminhada hermenêutica quando se aproxima e lê a Bíblia” (SIQUEIRA, TERRA, 2020, pág.24). O caminho para se interpretar as Escrituras passa necessariamente pela hermenêutica, podemos ver esse caminho ao longo da história da Igreja, de acordo com Terra “a história da Igreja é marcada pela maneira como a Bíblia foi lida. Dessa forma, é possível listar diversos caminhos de interpretação desenvolvidos desde os rabinos aos mais recentes recursos metodólogos aplicados aos textos bíblicos (SIQUEIRA, TERRA, 2020, pág.28).

Terra aponta várias hermenêuticas utilizadas ao longo da história da igreja. Começa pelas hermenêuticas judaicas, o Peshet, Midrash, Peshat, Regras de Hillel, passa pelas hermenêuticas desenvolvidas pelos primeiros cristãos e que são utilizadas até o dia de hoje, temos as hermenêuticas patrísticas, medieval, moderna, também conhecida como método histórico-crítico e método histórico-gramatical, a hermenêutica contextual e pós-paradigma do sujeito (SIQUEIRA, TERRA, 2020).

A hermenêutica pentecostal faz parte dessa história, surgindo como uma possibilidade de leitura não apenas de Lucas-Atos, mas de toda a Escritura. A hermenêutica pentecostal aponta novos rumos hermenêuticos e rupturas com perspectivas racionalistas, a crença no batismo com o Espírito Santo e a presença de dons colocam o pentecostalismo na história da interpretação bíblica (SIQUEIRA, TERRA, 2020). Para que possa apontar novos caminhos a hermenêutica pentecostal vem passando por diversas fases ao longo da sua história. A primeira fase do movimento é conhecida como “hermenêutica pragmática”, e era baseada mais na experiência do que na investigação e análise, ela também via o Pentecostes como um padrão da experiência contemporânea (STRONSTAD, 2020). Terra afirma que “não seria exagerado dizer que a “experiência”, tanto para a vida quanto o seu papel na leitura bíblica, é central entre as preocupações pentecostais” (SIQUEIRA, TERRA, 2020, pág. 73), a leitura pragmática era mais experiencial.

Num segundo momento temos a leitura acadêmica entre os pentecostais, nesse contexto temos a aproximação da hermenêutica pentecostal com o movimento evangelical norte-americano²⁰⁵, esse período foi marcado pela formação erudita pentecostal, é nesse espaço que os métodos mais racionalistas da academia são inseridos na história da exegese pentecostal. A exegese pentecostal fará diálogo com a tradição evangelical e como consequência as ferramentas gramaticais e histórico-críticas, no padrão do evangelicalismo norte-americano, estarão presentes na hermenêutica pentecostal (SIQUEIRA, TERRA, 2020). A terceira fase do movimento pentecostal foi marcada pela presença dos pentecostais no contexto da exegese moderna. Gordon Fee introduz a leitura pentecostal em nível acadêmico seguindo o modelo hermenêutico evangelical, tentando responder à acusação de que os pentecostais realizavam uma irresponsável alegorização e espiritualização dos textos bíblicos. Ao apresentar

²⁰⁵ Com a formação da National Association of Evangelicals (NAE) nos anos 1940, e a aceitação dos pentecostais no grupo, a relação com os evangelicais norte-americanos ganhou laços sociais e institucionais, redundando na assimilação de seu método hermenêutico (SIQUEIRA, TERRA, 2020, pág. 74).

respostas, Fee defende o sentido histórico e o uso da crítica do gênero literário na leitura pentecostal, defendendo que o livro de Atos é uma obra histórica e não didática, como consequência pouco apropriada para a construção teológica (SIQUEIRA, TERRA, 2020).

Segundo Terra “Outro projeto hermenêutico pentecostal importante nessa fase acadêmica é a complexa proposta de Howard M. Ervin, conhecida como “hermenêutica pneumática” [...] Ervin denunciou o racionalismo destrutivo e o misticismo irracional” (SIQUEIRA, TERRA, 2020, pág.85). Stronstad (2020, apud Ervin,1985) relata que “A epistemologia é fundamental para o estudo da hermenêutica, tanto quanto qualquer outra disciplina acadêmica”, Stronstad diz que “para o homem ocidental, dois modos de conhecimento são axiomáticos: a experiência sensorial e a razão. O resultado disso, não somente para a ortodoxia, mas para o pietismo e para a neo-ortodoxia, é uma dicotomia perene entre fé e razão” (STRONSTAD, 2020, pág. 41). Para essa dicotomia Ervin propõe a hermenêutica pneumática, porque somente o Espírito conhece as profundezas de Deus, e sendo a hermenêutica pneumática influenciada pelo Espírito, a única capaz de explicar o texto bíblico (SIQUEIRA, TERA, 2020). Para Ervin que enfatiza a epistemologia, a Escritura é realidade transcendente, inspirada pelo Espírito Santo, que atua constantemente na vida daquela pessoa que nasceu de novo, levando-a a compreensão do texto bíblico, mas ao mesmo tempo, essa ação pneumática está em parceria com os métodos da moderna exegese crítica, porém em perspectiva moderada (SIQUEIRA, TERRA, 2020).

Permanecendo no contexto acadêmico da hermenêutica pentecostal, o nome de William Menzies precisa ser mencionado, Menzies é um terceiro erudito da tradição que está contribuindo para a hermenêutica pentecostal. Stronstad afirma que:

Ao contrário de Gordon Fee, que destaca o gênero na literatura bíblica, e de Ervin, que destaca a epistemologia, Menzies destaca a teologia [...] Enquanto Fee propõe uma hermenêutica de gêneros literários e Ervin propõe uma hermenêutica pneumática, Menzies propõe uma hermenêutica holística para interpretar a base bíblica da teologia pentecostal (STRONSTAD, 2020, pág. 46).

Menzies busca compreender a teologia pentecostal a partir de uma hermenêutica global, que possui três níveis: indutivo, dedutivo e de verificação. O nível indutivo é a exegese científica da Escritura, o nível dedutivo é a teologia bíblica que vem como complemento ao indutivo, já no terceiro nível temos a verificação, ou seja, o nível da experiência contemporânea (STRONSTAD,2020). Ainda de acordo com Stronstad

(2020, p.48) “A hermenêutica de três níveis de Menzies [...] tem muitos pontos recomendáveis. Por exemplo, ela integra os processos analítico, sintético e existencial. Além disso, integra as dimensões exegéticas, teológicas e de aplicação da interpretação bíblica”.

Chegando ao final dessa fase acadêmica, podemos nos apropriar dos cinco pontos propostos por Gordon L. Anderson, que resumem bem a história da hermenêutica pentecostal na academia, são eles:

1. Exegese histórico-gramatical e filosofia da linguagem: pentecostais usam os mesmos métodos que os outros evangélicos.
2. Papel do Espírito Santo (pneumático): a visão pentecostal do papel do Espírito Santo não é única e está dentro da perspectiva dos outros evangélicos.
3. Papel dos vários gêneros: os pentecostais veem as narrativas históricas como tendo maior valor didático do que a maioria dos evangélicos, e as usam muito mais na construção de doutrinas.
4. Experiência pessoal: todos os intérpretes intencionalmente ou de forma inadvertida incorporam a experiência pessoal em sua hermenêutica, mas os pentecostais fazem isso de forma consciente, intencional e crítica.
5. Experiência histórica: novamente, como na experiência pessoal, todos os intérpretes usam a história, mas os pentecostais fazem isso de maneira consciente, intencional e crítica (ANDERSON, 1995, p.3-4).

Esses cinco pontos privilegiam o método histórico-gramatical, que entre os acadêmicos pentecostais no Brasil tem sido popularizado. A hermenêutica pentecostal acadêmica, tem privilegiado o método histórico-gramatical, aceitando também os resultados das pesquisas sobre Lucas-Atos a partir da crítica da redação²⁰⁶, a experiência é admitida como parte do processo de interpretação, mas para vencer os subjetivismos sem limites, preserva-se a busca pela intenção original, mas essa não pode ser acessada com total certeza (SIQUEIRA, TERRA, 2020).

Nessa fase da hermenêutica pentecostal pode-se notar a influência da modernidade racionalista iluminista. Por outro lado, o dado novo será a presença da

²⁰⁶ A crítica da redação é um método de análise exegética-dos Evangelhos, em especial-nascido entre os adeptos do método histórico-crítico e que busca a teologia por trás dos escritos dos evangelistas neotestamentários [...] A crítica da redação surgiu após a Segunda Guerra Mundial em resposta aos exageros da crítica das formas, que via nos evangelistas meros compiladores e editores de coleções e tradições orais já existentes. Embora os exegetas críticos normalmente não se importem com a unidade das Escrituras e coloquem tradições neotestamentárias diferentes como antagonônicas (paulina versus petrina; paulina versus lucana; paulina versus tiagana etc.) os pentecostais que usaram esse método em suas pesquisas acadêmicas sempre reafirmaram a crença na unidade das Escrituras [...] O uso moderado da crítica da redação não é incompatível com o método histórico-gramatical, e hoje praticamente nenhum exegeta evangélico conservador despreza as contribuições do , método histórico-crítico, embora todos mantenham a crença básica na unidade das Escrituras e rejeitem os pressupostos céticos desse método (SIQUEIRA, TERRA, 2020, p.45-46).

experiência e sua importância, o que coloca a hermenêutica pentecostal no limiar da modernidade racionalista e perspectiva pós-metafísica, pós-moderna (SIQUEIRA, TERRA, 2020). A hermenêutica pentecostal em sua fase acadêmica também é conhecida como “hermenêutica pentecostal contextual”. Seu surgimento é fruto da desconfiança, principalmente em relação ao uso das ferramentas críticas e da visão de mundo racionalista entre os eruditos pentecostais, que adequaram a tradição pentecostal ao racionalismo iluminista da modernidade. Mas ao mesmo tempo que os pentecostais aderiram aos métodos críticos e gramaticais, outros eruditos pentecostais, encontraram na crítica a modernidade e nos métodos menos racionalistas, maior alinhamento à maneira como se lia a Bíblia nas comunidades locais e que são aptos para entender a fé no contexto da experiência sobrenatural (SIQUEIRA, TERRA, 2020).

A hermenêutica pentecostal contextual vai colocar a experiência e a leitura do texto em diálogo, o texto vai iluminando e corrigindo a experiência. Como reação aos métodos iluministas, racionalistas que descartavam a experiência como critério de interpretação, os hermeneutas contextuais vão valorizar a experiência como um dos pressupostos de interpretação. Acerca da experiência presente na interpretação do texto bíblico Stronstad afirma que “Em particular, o estudioso pentecostal, como é o meu caso, traz sua própria experiência de ser cheio com o Espírito como uma pressuposição para o relato lucano” (STRONSTAD, 2018, p.30). A hermenêutica contextual vai afirmar a presença da experiência no processo interpretativo do texto bíblico, mas a experiência não está acima da Bíblia, pois é avaliada, confirmada ampliada ou criticada. Terra resume bem esta fase da hermenêutica pentecostal dizendo:

Por fim, a história da interpretação pentecostal nessa fase mostra que não existe “a” hermenêutica da identidade pentecostal, mas um desenvolvimento de possibilidades à luz dos desafios contemporâneos [...] Em síntese, a experiência como parte do processo interpretativo é a fundamental característica da leitura pentecostal, tanto para os autores devedores dos métodos evangelicais quanto os contextuais. Assim, não seria justo afirmar a canonicidade de qualquer método, mas somente do texto. Então, a hermenêutica pentecostal evangelical e a contextual defendem, cada uma à sua maneira, as possibilidades de acesso ao texto, suas escolhas metodológicas, os pressupostos epistemológicos, os diálogos com teóricos de seu contexto e suas releituras na teologia e hermenêutica pentecostais (SIQUEIRA, TERRA, 2020, p.135-136).

A hermenêutica pentecostal é mais uma tentativa de se chegar a compreensão e aplicação do texto bíblico, ela oferece ferramentas para o processo interpretativo, mas não pode ser considerada como canônica, acima de qualquer questionamento. Chegando ao final desta primeira parte, podemos com segurança responder as duas perguntas iniciais: Existe uma hermenêutica pentecostal? Se sim, o que a caracteriza? De acordo com as descrições das fases da hermenêutica pentecostal, a resposta é afirmativa, existe sim uma hermenêutica pentecostal. O que a caracteriza são os seus pressupostos interpretativos, a hermenêutica pentecostal vai chamar a nossa atenção para a importância da experiência no processo de interpretação do texto bíblico, mas sem deixar de lado as ferramentas do método histórico-gramatical e crítico. Para a hermenêutica pentecostal, a Bíblia é um texto vivo, não está limitada ao passado e nem a processos racionalistas e iluministas de interpretação. Respondidas as perguntas vamos analisar agora como a hermenêutica pentecostal interpreta os escritos de Lucas-Atos, quais são as contribuições pentecostais para o entendimento dessa importante narrativa do Novo Testamento.

3. A Hermenêutica Pentecostal e a Narrativa de Lucas- Atos

A hermenêutica pentecostal como mais uma proposta para a interpretação do texto bíblico, tem muitas contribuições a nos oferecer, principalmente no que diz respeito a leitura de Lucas-Atos. Os escritos lucanos tem causado muitas controvérsias no meio erudito, principalmente no que diz respeito a interpretação do “batismo no Espírito Santo” que aconteceu no dia de Pentecostes e por todo o livro de Atos, tradicionalmente a igreja associa o batismo no Espírito Santo a conversão, já os pentecostais, por serem uma síntese da teologia fundamentalista, dispensacional e da santidade dos fins do século XIX, identifica o “batismo no Espírito Santo” como capacitação para o serviço, tendo como elemento distintivo as línguas estranhas, que são o elemento que evidencia o batismo no Espírito Santo (STRONSTAD,2021).

Para Strosntad o problema não é simplesmente teológico, o teólogo pentecostal afirma que:

A divisão não é simplesmente teológica. As diferenças hermenêuticas e metodológicas fundamentais estão no cerne da questão. As diferenças metodológicas surgem e coincidem com os diversos gêneros literários do Novo Testamento [...]É a diferença entre narração e teologia na literatura do Novo Testamento que levanta as questões metodológicas fundamentais para a doutrina do Espírito

Santo. Por conseguinte, as tensões experienciais e teológicas sobre a doutrina do Espírito Santo serão resolvidas apenas quando as questões metodológicas forem resolvidas primeiramente” (STRONSTAD, 2021, p.15).

Para Stronstad as tensões acerca do batismo no Espírito Santo, só serão resolvidas a partir da solução dos problemas metodológicos, principalmente no que diz respeito ao significado do Espírito Santo em Lucas-Atos. Stronstad nos aponta três problemas metodológicos que precisam ser solucionados para interpretarmos corretamente os registros de Lucas, são eles: “(1) A homogeneidade literária e teológica de Lucas-Atos, (2) o caráter teológico da historiografia lucana e (3) a independência teológica de Lucas” (STRONSTAD, 2021,p.15). Falando sobre a homogeneidade literária e teológica de Lucas-Atos, Stronstad afirma que o consenso acadêmico aceita sem contestações sérias a unidade literária dos escritos lucanos, mas a despeito desse consenso, os interpretes pressupõe uma descontinuidade teológica entre os dois volumes (STRONSTAD, 2021).

Stronstad cita autores como Hans Conzelmann, W.F.Lofthouse e J.H.E.Hull que negam a homogeneidade de Lucas-Atos, por exemplo: Conzelmann afirma a ênfase na separação entre as épocas de João Batista representando o período de Israel, Jesus representando o centro do tempo e o Espírito Santo representando a Igreja. Lofthouse nega a homogeneidade de Lucas-Atos tendo como motivo as diferentes épocas da história redentora, de acordo com o seu ponto de vista, a tradição sinótica sobre o Espírito Santo não tem influência nos registros do Espírito em Atos. Hull afirma a descontinuidade de Lucas-Atos apontando para as diferenças na terminologia que descrevem a ação do Espírito nos escritos lucanos, para isso usa os exemplos de Isabel e Zacarias como pessoas que receberam temporariamente o Espírito Santo e os discípulos que tiveram a presença do Espírito Santo de forma permanente (STRONSTAD,2021).

Analisando as interpretações dos três autores, Stronstad afirma: “Conzelmann, Lofthouse e Hull são três exemplos da ampla tendência de enfatizar a descontinuidade teológica entre Lucas e Atos. Contudo, tendo em vista que Lucas e Atos são uma só obra, seria muito mais natural enfatizar a continuidade ou homogeneidade teológica” (STRONSTAD,2021, p.18). I. Howard Marshall demonstra por meio de vários temas a homogeneidade de Lucas-Atos ao afirmar:

O que é significativo é que ele [Lucas] combina a história de Jesus e a história da Igreja Primitiva em uma única narrativa. Desse modo, ele atesta que as duas histórias são realmente uma, e que a ruptura entre

elas não é de importância tão decisiva quanto a ruptura entre o período da lei e dos profetas e o período em que o Evangelho do reino é pregado” (MARSHALL, 1970, p.221).

Apesar de todas as evidências a favor da continuidade de Lucas-Atos, a descontinuidade é arbitrariamente defendida, a unidade literária dos escritos lucanos, precisa levar obrigatoriamente ao reconhecimento da homogeneidade teológica dos dois livros. O segundo problema metodológico que precisa ser resolvido é “o caráter teológico da historiografia lucana”. Stronstad afirma que o desafio está nas diferentes ênfases que são impostas sobre Lucas-Atos, os pentecostais ao interpretar o livro de Atos aumentam a ênfase no caráter teológico das narrativas, já aqueles que respondem ao desafio metodológico concentram a sua ênfase no caráter histórico das narrativas lucanas (STRONSTAD, 2021).

Os pentecostais entendem que os eventos ocorridos no dia de Pentecostes, são o padrão para os crentes de todas as épocas, Holdcroft afirma o seguinte:

De acordo com a Bíblia, as línguas são a evidência necessária e essencial do batismo no Espírito. [...] Deus prometeu que o padrão bíblico era o padrão para os tempos futuros: “A promessa vos diz respeito a vós, a vossos filhos e a todos os que estão longe” (At.2.39). O que era verdadeiro no dia de Pentecostes, e em ocasiões subsequentes na Escritura, tem de continuar a ser verdadeiro no transcurso dos tempos (HOLDCROFT, 1979, p.122-123).

Como podemos observar os pentecostais dão ênfase a intenção teológica normativa dos registros lucanos e a ação do Espírito Santo na experiência cristã contemporânea. Mas essa ênfase pentecostal vai ser criticada por muitos tradicionais, incluindo o influente e já falecido teólogo John Stott (1921-2011), em seu famoso livro, “Batismo e Plenitude do Espírito Santo”, Stott vai criticar a violação do caráter normativo ou histórico do livro de Atos, ele afirma: “Esta revelação do propósito de Deus na Bíblia deve ser buscada, de preferência, nas passagens didáticas, e não nas descritivas. Para ser mais preciso, devemos procura-las nos ensinamentos de Jesus e nos sermões e escritos dos apóstolos, e não nas seções puramente narrativas de Atos (STOTT, 1986.p.11). Ao fazer essa crítica, Stott cria uma separação entre passagens de instrução e narrativa, entre teologia e história, essa abordagem vai exigir uma resposta mais sofisticada dos pentecostais.

A formular uma resposta, a hermenêutica pentecostal cria uma dicotomia não bíblica entre as chamadas passagens descritivas (históricas, narrativas) e didáticas

(instrutivas) da Bíblia. Mas a alegada distinção entre descrição e instrução é estranha ao entendimento geral do Novo Testamento acerca da historiografia bíblica, isso é do Antigo Testamento (STRONSTAD, 2021). Podemos perceber nos escritos de Paulo, que as narrativas históricas do Antigo Testamento possuem um propósito claramente didático, por exemplo em 2Tm.3.16-17 esse princípio é afirmado: “Toda Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra” (2Tm.3.16-17)²⁰⁷. Da mesma forma Paulo afirma: “Porque tudo que dantes foi escrito para o ensino foi escrito” (Rm.15.4). Em 1Co.10.11 Paulo usa a história de Israel no deserto como um exemplo para a igreja, ele diz: “Essas coisas lhes sobreviveram como exemplos e foram escritas para advertência nossa, de nós outros sobre quem os fins dos séculos têm chegado” (1Co.10.11).

Paulo entendia as passagens narrativas do Antigo Testamento como textos que possuíam lições didáticas para a igreja do Novo Testamento, diante disso seria estranho e surpreendente se Lucas não entendesse as narrativas históricas da mesma forma, já que amoldou seus escritos segundo a historiografia do Antigo Testamento (STRONSTAD,2021). Marshall em seu famoso livro “Fundamentos da Narrativa Teológica de São Lucas”, afirma que “Os escritos de Lucas estão claramente em débito com a tradição do Antigo Testamento” (MARSHALL,2019, p.91), o estilo de escrita adotado por Lucas tem muita semelhança com a Septuaginta, o que “requer que ele também seja comparado com os historiadores judeus” (MARSHALL,2019, p.90). Como podemos observar, os escritos lucanos não tem como objetivo apenas descrever os fatos, trazendo uma dimensão histórica, mas também uma dimensão didática, ou instrucional, e teológica (STRONSTAD,2018).

Portanto as afirmações de que Atos é um texto meramente narrativo, não passam de mito criado pelos críticos. Uma avaliação legítima da historiografia lucana, vai levar em consideração o seu endividamento com os historiadores bíblicos e judeus e o fato de que as suas narrativas são um registro interpretado dos eventos. Para a interpretação das narrativas de Lucas-Atos, Stronstad vai propor uma nova abordagem, concentrando-se na natureza real da narrativa. Para isso ele aponta quatro categorias: (1) episódica, em geral todas as narrativas são episódicas. (2) tipológica que vê em retrospectiva um episódio historicamente análogo e relevante de tempos mais antigos, seja em Lucas-

²⁰⁷ Todas as citações de textos bíblicos utilizadas neste artigo são da Almeida Revista e Atualizada.

Atos ou no Antigo Testamento. (3) programática que em contraste com a narrativa tipológica aponta para frente, para o desenrolar de eventos futuros. (4) paradigmática que tem características normativas para a missão e caráter do povo de Deus que vive nos últimos dias (STRONSTAD, 2021, p.23-24).

A partir desses quatro elementos narrativos, a solução para o desafio metodológico pentecostal de uma dicotomia entre “descritivo” e “didático”, é assumir a natureza da historiografia de Lucas-Atos. A intenção de Lucas nunca foi relatar apenas a história, mas também interpretá-la e aplicá-la aos seus leitores. As narrativas de Lucas-Atos são uma fonte importante para construirmos uma base doutrinária da ação do Espírito Santo com implicações normativas para a atividade e a experiência da igreja cristã contemporânea.

O terceiro problema metodológico que precisa ser resolvido é sobre a “independência teológica de Lucas”. Com a separação entre as porções didáticas e descritivas, surge uma consequência infeliz para a interpretação do Espírito Santo em Lucas-Atos, que é a dependência que Lucas tem dos escritos de Paulo. A ideia é que ao interpretarmos Lucas vamos encontrar apenas história, isso é, um texto descritivo, se quisermos encontrar textos didáticos, teológicos, precisamos recorrer aos escritos de Paulo. Por causa desse método de interpretação, os escritos lucanos sobre o Espírito Santo, são compreendidos como se tivessem sido escritos por Paulo. Por exemplo, muitos estudiosos interpretam a frase característica de Lucas “batizado no Espírito Santo” segundo o significado que Paulo oferece. Escrevendo a sua carta aos Coríntios, Paulo afirma: “Pois todos nós fomos batizados em um Espírito, formando um corpo, quer judeus, quer gregos, quer servos, quer livres, e todos temos bebido de um Espírito” (1Co.12.13). Segundo a metáfora usado por Paulo, o batismo do Espírito é a transformação espiritual que coloca o crente “em Cristo” que é justamente o efeito de receber o dom do Espírito, por isso o batismo no Espírito, esse é o meio de incorporação ou seja a entrada no corpo de Cristo (STRONSTAD, 2021).

Esses estudiosos partem da interpretação de Paulo acerca do batismo no Espírito, e trazem para as referências em Lucas-Atos (Lc.3.16; At.1.5; 11.16) o significado paulino. Sttot após examinar as referências ao batismo no Espírito Santo no Novo Testamento, afirma “a expressão grega é exatamente a mesma em todas as sete ocorrências, e, por isso, deve-se entender que ela se refere à mesma experiência de batismo em todos os versículos, a priori, num princípio sadio de interpretação (Sttot,1986, p.34), como consequência, todas as vezes que Lucas relata o batismo do

Espírito Santo, sempre tem o significado paulino. Essa metodologia segundo a qual Lucas é lido como se fosse Paulo, priva Lucas de sua identidade como teólogo, de acordo com Marshall “Lucas tinha direito de ter os seus próprios pontos de vista, e o fato de que eles diferem em alguns aspectos dos de Paulo não deve ser colocado contra ele neste momento. Pelo contrário, ele é um teólogo por direito próprio e deve ser tratado como tal” (MARSHALL, 2019, p.123-124). Considerando esse direito de Lucas aos seus próprios pontos de vista, os intérpretes devem examinar os seus escritos, dando abertura para uma perspectiva diferente da perspectiva paulina.

Portanto o reconhecimento de que Lucas é teólogo, historiador e independente de Paulo, coloca Lucas-Atos como uma fonte legítima para o entendimento do Espírito Santo, ampliando significativamente a contribuição para a doutrina do Espírito Santo. Como afirma Siqueira “a hermenêutica da teologia pentecostal não lucaniza o Novo Testamento e nem lê a pneumatologia lucana nos escritos joaninos, paulinos, petrinos e mateanos. Ao contrário, reconhece-se claramente que a pneumatologia paulina está ligada ao processo santificador e soteriológico (SIQUEIRA, 2019, p. 44). Embora seja um grande desafio, podemos resolver o impasse teológico e metodológico na igreja contemporânea no que diz respeito ao dom do Espírito Santo nos escritos lucanos. Stronstad aponta a solução para esse impasse, afirmando que os intérpretes devem abandonar os programas metodológicos que silenciam ou manipulam a teologia de Lucas, por outro lado, os intérpretes devem desenvolver um consenso metodológico para interpretar o dom do Espírito em Lucas-Atos. O consenso deve ter no mínimo três princípios: (1) Lucas-Atos é teologicamente homogêneo, (2) Lucas é teólogo e historiador e (3) Lucas é teólogo independente por direito próprio. Quando Lucas-Atos é interpretado seguindo esses princípios, a sua mensagem se mostra radicalmente diferente de determinadas interpretações contemporâneas, como por exemplo à frase característica de Lucas “cheio do Espírito Santo” (1) é moldada de acordo com o uso dado no Antigo Testamento, (2) tem o mesmo significado no Evangelho como tem em Atos e (3) tem um significado diferente em Lucas-Atos do que na epístola aos Efésios (STRONSTAD,2021).

Podemos afirmar com segurança que Lucas não é apenas um historiador, mas também um teólogo, seus escritos têm como objetivo não apenas informar, mas trazer lições para a vida da igreja, para isso Lucas molda os seus escritos a partir dos escritos do Antigo Testamento, que também visavam ensinar não apenas histórias mais teologia. A hermenêutica pentecostal tem bases sólidas, amparada numa tradição pneumatológica

que remonta ao Antigo Testamento, passando pela literatura judaica intertestamentária e pelos escritos lucanos, a mesma valoriza a teologia por traz dos escritos de Lucas-Atos, essa valorização traz contribuições enormes para a vida da igreja contemporânea. É o que veremos a seguir, analisando a valorização teológica de Lucas-Atos.

4. A Hermenêutica Pentecostal e o valor teológico de Lucas-Atos

Como observamos acima, a hermenêutica pentecostal partindo de princípios sólidos de interpretação, olha para os escritos lucanos não apenas como narrativas, mas também como teologia. Lucas não é apenas historiador é também teólogo, e como tal os seus escritos são uma fonte legítima para a doutrina do Espírito Santo. A hermenêutica pentecostal oferece contribuições para as discussões hermenêuticas contemporâneas, especialmente sobre o papel da teologia narrativa na construção doutrinária, com isso muitos cristãos têm perdido o medo de trabalhar teologia nos textos narrativos, isso graças a narratologia²⁰⁸, que observa o texto narrativo não apenas como história do passado, mas como um texto vivo para nossa realidade hoje (SIQUEIRA, 2019). Por exemplo, quando Pedro vai explicar o derramamento do Espírito Santo em Pentecostes, conforme o relato de Atos 2, o apóstolo remonta a experiência ao profeta Joel, com isso Pedro mostra que a sua leitura da Escritura era viva, ele se vê dentro do cumprimento profético. De acordo com Siqueira:

A leitura da Bíblia é relacional. Podemos, com isso, crescer com o texto ou deixá-lo pequeno à semelhança de um cadáver a ser dissecado. O pentecostal resgatou a narrativa porque justamente se viu nela. A história dos apóstolos era a sua própria história: perseguições, lutas, milagres, intervenções de Deus e ânimo renovado (SIQUEIRA, 2019, p.43. Edição do Kindle).

A hermenêutica pentecostal traz uma leitura viva das Escrituras, o texto não é apenas uma informação do passado, mas uma história presente, atuante e transformadora. Falando sobre a dimensão didática do múltiplo propósito de Lucas, Stronstad afirma que essa dimensão “é complementada por uma dimensão teológica” (STRONSTAD, 2018, p.44), Lucas escreveu a sua narrativa histórica afim de ensinar

²⁰⁸ A narratologia lembra que os métodos da exegese clássica, como o método histórico-crítico e o método histórico-gramatical, “tendem a considerar o texto bíblico antes de tudo como um documento que fala do passado. [...] O texto narrativo não se resume à descrição de fatos. Encarar a narrativa apenas como uma espécie de registro jornalístico da história da salvação empobrece enormemente a leitura das Escrituras (GUTIERRES, 2019, p. 43).

verdades teológicas. A hermenêutica pentecostal busca ouvir Deus nos dias atuais, não apenas as histórias antigas narradas nas Escrituras, mas principalmente como essas histórias podem ser aplicadas atualmente. Acerca da aplicação de Lucas-Atos Shelton afirma:

Tradicionalmente, a igreja usou o Evangelho de Lucas na maioria das vezes como um mero suplemento aos evangelhos de Mateus e João nos estudos da “vida de Cristo”. Da mesma forma o livro de Atos é forçado a servir como quadro histórico e cronológico para as viagens sobre a vida e os ensinamentos de Paulo. Fora isso, Lucas e Atos dos Apóstolos são frequentemente negligenciados como uma unidade literária. No entanto Lucas escreveu esses dois livros como uma unidade exclusiva, e eles merecem ser analisados como tal [...] A visão especial de Lucas sobre o Espírito Santo sofre uma severa negligência sob a abordagem tradicional. Muitas de suas mensagens distintas e importantes são perdidas quando pedaços e partes de sua obra são desperdiçados na tentativa de harmonizar a mensagem do Novo Testamento (SHELTON, 2018, p.20).

A hermenêutica pentecostal vai ouvir os escritos lucanos de acordo com o seu propósito inicial, que fundamentado na historiografia do Antigo Testamento, visa mostrar a sua própria interpretação da ação de Deus na história redentora. Essa atividade é demonstrada por meio dos relatos da ação do Espírito Santo. Lucas ao relatar os fatos sobre o ministério de Jesus, enfatiza que o Espírito Santo é quem unge Jesus, capacitando-o para que tenha um ministério profético, essa capacitação serve de paradigma para os seus discípulos, que serão batizados, capacitados e dirigidos pelo mesmo Espírito. Seguindo a narrativa, Lucas relata o derramamento do Espírito em Pentecostes, enfatizando a ação profética do Espírito Santo sobre os que estavam ali reunidos, essa ação sobrenatural tem como objetivo capacitar não apenas os primeiros discípulos, mas também a todos os crentes. De acordo com Lucas, com a descida do Espírito Santo em Pentecostes, o povo de Deus, a igreja, passa a ser uma comunidade carismática (STRONSTAD, 2020).

A hermenêutica pentecostal vai interpretar a ação do Espírito em Lucas-Atos não apenas por meio da razão, mas estará aberta a experiência, que auxiliará na compreensão do texto bíblico. Falando sobre esse tipo de leitura Keener afirma: “Antes, com leitura experiencial estou me referindo a crer nas profundezas do nosso ser naquilo que encontramos no texto. Por exemplo uma coisa é afirmar academicamente que Deus nos ama; outra, é receber essa verdade em nosso coração que se sentiu machucado e está desconfiado” (KEENER, 2018, p.68). Acerca da experiência Walter Kaiser Jr. et al

(2019) afirmam: “A experiência concedida pelo Espírito Santo pode fazer a diferença no entendimento da Escritura”. A experiência é importante para o entendimento do texto bíblico, pois a mesma se torna um pressuposto na tarefa hermenêutica. Keener afirma que: “Obviamente, a experiência, assim como a nossa cultura e tradição, também molda como lemos as Escrituras, para o bem ou para o mal. Ninguém se aproxima de um texto sem pressuposições, geralmente moldadas por instrução ou experiências passadas” (KEENER, 2018, p.68).

Os evangélicos não pentecostais geralmente trazem uma abordagem experiencial negativa para a interpretação da atividade carismática do Espírito em Lucas-Atos, por outro lado, os pentecostais trazem pressupostos experienciais positivos para a interpretação desses mesmos textos. É impossível nos aproximarmos do texto bíblico sem trazermos conosco nossos pressupostos para a interpretação. A hermenêutica pentecostal não tem nenhum problema em considerar a experiência como válida para a interpretação do texto bíblico, mas como afirma Stronstad:

Deixar que a experiência carismática faça parte da hermenêutica pentecostal não se trata de abrir uma caixa de Pandora de subjetivismo ou mesmo de emocionalismo. Por um lado, a realidade objetiva da Bíblia permanece inalterada. Por outro lado, embora sejam, em certo sentido, inseparáveis, a experiência e a emoção não significam a mesma coisa. O fato de alguns pentecostais, às vezes, buscarem somente o lado emocional na experiência, e de alguns tradicionais rejeitarem a experiência por causa do emocionalismo, não pode criar preconceitos contra essa experiência espiritual. Além disso ao defender a legitimidade dos pressupostos experienciais carismáticos, não estou querendo dizer que eles garantem uma interpretação saudável. Em outras palavras, a experiência carismática não faz do pentecostal um intérprete infalível. Isso se deve ao fato de os pressupostos experienciais não serem os únicos nem prescindirem dos pressupostos cognitivos, também chamados de “princípios histórico-gramaticais”. Em vez disso, os pressupostos experienciais não passam de componentes da hermenêutica, embora sejam importantes e complementares. Apesar de não garantirem uma interpretação saudável, eles proporcionam um pré-entendimento importante do texto (STRONSTAD, 2020, p. 107).

De acordo com o teólogo pentecostal a experiência tem o seu lugar na interpretação do texto bíblico, mas ela não é a única forma de se aproximar das Escrituras, existem também os pressupostos cognitivos. A hermenêutica pentecostal possui alguns pressupostos básicos para a interpretação do texto bíblico, principalmente Lucas-Atos, são eles: os fatores pneumáticos, ou seja, a ação do Espírito Santo no entendimento do texto; os gêneros literários, o texto bíblico possui parábolas, narrativas,

profecias, sabedoria, prosa, esses gêneros são levados em consideração quando o texto é interpretado; a racionalidade, ou seja, o respeito pelo gênero literário e pela hermenêutica bíblica e por fim, a verificação pela experiencial, a tarefa hermenêutica é completada e certificada pela experiência, pois o cristianismo não é uma religião do passado, mas é viva e espiritualmente presente (STRONSTAD, 2018). A hermenêutica pentecostal olha para os escritos sagrados não apenas como um texto antigo, uma fonte de conhecimento intelectual, mas também como uma fonte experiencial, à história dos personagens bíblicos se tornam a nossa história, assim como Deus esteve com Josué (Js.1.9) em suas batalhas, estará conosco em nossos desafios. O texto de Lucas-Atos em particular é interpretado como histórico e teológico, ele fala sobre o passado mas estabelece padrões para a vida cristã contemporânea. Stronstad falando sobre a frase “cheio do Espírito Santo” em Lucas-Atos, afirma:

Para que se interprete de forma adequada a expressão “cheio do Espírito Santo” em Lucas-Atos, o intérprete deve integrar os seguintes princípios à sua preparação metodológica: 1.Essa expressão tem como base uma expressão parecida da Septuaginta; 2.Ele tem o mesmo sentido no Evangelho e em Atos dos Apóstolos. Esses princípios trazem ao intérprete uma orientação e uma estratégia metodológica que o capacitará a compreender melhor as informações de Lucas (STRONSTAD, 2020, p.131).

Segundo Stronstad essa frase “cheio do Espírito Santo” tem uma razão de existir de acordo com o propósito de Lucas, ela aponta para uma capacitação profética concedida pelo Espírito, tanto no Evangelho como em Atos. Stronstad nos apresenta outras frases que precisam ser interpretadas no contexto de Lucas-Atos, são elas: “cheio” do Espírito Santo, “receber” o Espírito Santo e “batizado” no Espírito Santo. Se interpretarmos Lucas a partir das suas próprias palavras, veremos não apenas um significado diferente para os termos “batizado” e “cheio” com o Espírito Santo, mas também uma relação entre eles. Para Lucas ser “batizado no Espírito” é ser capacitado para a missão; ser “cheio com o Espírito Santo” é receber o ofício profético, a unção para a inspiração profética (STRONSTAD, 2020). Essas experiências narradas nos escritos lucanos, não estão limitadas ao texto bíblico, elas são um paradigma para os cristãos nos dias atuais, pois o mesmo Espírito que atuou nos Evangelhos e em Atos dos Apóstolos é o mesmo Espírito que está atando hoje na vida do cristão. Essa atuação do Espírito não é compreendida apenas pela racionalidade, pelos métodos de interpretação, mas também por meio da experiência, só sabe o que é ser cheio do Espírito Santo, quem foi cheio do Espírito Santo e não quem estudou sobre o ser “cheio” do Espírito Santo.

A hermenêutica pentecostal vai valorizar essa dimensão teológica, aplicável dos escritos lucanos, ela não limita Lucas a um historiador que narra fatos para informação apenas, mas entende Lucas como um legítimo teólogo, que apresenta a sua obra como um modelo para a gerações futuras como afirma Menzies “Desta forma, Lucas apresenta Jesus recebendo o Espírito como modelo para os discípulos em Atos e as futuras gerações de crentes, inclusive a sua” (MENZIES, 2016, p. 53. Edição do Kindle). Para isso a hermenêutica pentecostal faz uma junção entre razão e experiência, pois entende que não existem métodos canônicos, qualquer metodologia é humana, portanto limitada (SIQUEIRA, TERRA, 2020). Keener vai chamar a nossa atenção para o cuidado na leitura e interpretação do texto bíblico, ele afirma: “ O problema não está na ênfase pentecostal no Espírito ou na ênfase pentecostal em viver experiencialmente como aqueles que levam adiante o ministério descrito na narrativa bíblica. O problema é a ênfase reduzida no ensino...(Keener, 2018, p.416). Esse é justamente o problema que a hermenêutica pentecostal busca resolver, o respeito pelos métodos saudáveis de interpretação unidos à vivencia experiencial, dessa forma é feita a leitura de Lucas-Atos, valorizando a teologia por traz dos escritos lucanos, Lucas não escreve apenas para informar, mas para ensinar, busca promover mudança na vida dos seus leitores. Assim Lucas-Atos se torna uma leitura viva, atual e transformadora. Nas palavras de Menzies:

A hermenêutica do crente pentecostal típico é direta e simples: as histórias em Atos são minhas histórias — histórias que foram escritas para servir de modelo para moldar a minha vida e experiência. Isso não quer dizer que os pentecostais não exercem discernimento ou julgamento [...] Essa abordagem simples e narrativa do livro de Atos, creio, é um dos maiores pontos fortes do movimento pentecostal. É, sem dúvida, sólida razão para o rápido crescimento pentecostal em todo o mundo [...] Tudo isso sugere que os pentecostais têm uma hermenêutica distinta, uma forma distinta de ler a Bíblia (MENZIES, 2016, p.23-24).

Essa forma de se entender o texto e aplica-lo é uma contribuição legítima da hermenêutica pentecostal. Ela nos chama a atenção para a dimensão prática dos escritos lucanos, o pentecostal vê as histórias narradas principalmente em Atos como a sua própria história. A hermenêutica pentecostal atribui valor teológico ao texto de Lucas-Atos, essa valorização traz enriquecimento para a compreensão do texto bíblico, pois os escritos lucanos não são apenas um apêndice da teologia paulina, Lucas como teólogo tem a sua própria teologia, a sua forma particular de narrar a ação do Espírito Santo na história da redenção. Não precisamos usar Paulo contra Lucas, podemos juntar as duas

perspectivas e ouvir o que o Espírito Santo quis falar por meio de cada autor. Paulo fala sobre a obra salvífica do Espírito Santo na vida do crente como o batismo no Espírito Santo, nesse sentido não há cristão sem o Espírito Santo. No entanto os pentecostais levantam outra questão. Como Lucas entende o batismo no Espírito Santo? O entendimento de Lucas sobre o batismo no Espírito Santo é missiológica, como afirma Menzies:

O Espírito de Pentecostes é, na realidade, o Espírito para os outros, o Espírito que impele e capacita a igreja para levar as “Boas- -Novas” de Jesus a um mundo perdido e agonizante. É essa perspectiva lucana e missiológica que molda o entendimento pentecostal do batismo no Espírito Santo [...] santificação. Entretanto, os pentecostais sentem-se justificados ao falar de um batismo no Espírito que é distinto da conversão, uma unção para o serviço, pois entendemos que isso espelha com precisão a terminologia e teologia de Lucas. Os pentecostais reconhecem que o Novo Testamento fala de dois batismos no Espírito: um que é soteriológico e inicia o crente no corpo de Cristo (1Co.12.13) e um que é missiológico e capacita o crente para o serviço (At 1.8) (MENZIES, 2016, p. 61).

Por meio das palavras de Robert Menzies podemos perceber que a hermenêutica pentecostal faz a leitura de Lucas-Atos, entendendo o seu contexto e propósito. “ Assim, justifica-se o fato dos pentecostais lerem as narrativas de Lucas-Atos de maneira doutrinária e teológica, não acima de Paulo ou contra ele, mas lado a lado com o apóstolo dos gentios e outros autores do Novo Testamento” (YONG, 2022, p. 125). Ao valorizar Lucas como teólogo, a hermenêutica pentecostal afirma que os seus escritos não estão limitados ao passado, mas surgem como um paradigma, um modelo de como o povo de Deus deve viver nos últimos dias da história da redenção.

Conclusão

O presente texto buscou analisar a hermenêutica pentecostal e as suas contribuições para a leitura e aplicação de Lucas-Atos. Fica claro que os escritos lucanos são um desafio para a hermenêutica, seja ela tradicional ou pentecostal. Mas como demonstramos no texto, a hermenêutica pentecostal surge como uma proposta legítima para a interpretação dos escritos lucanos, a mesma oferece possibilidades que precisam ser consideradas com seriedade. A hermenêutica pentecostal não se apresenta como a dona da razão, ela entende as suas limitações, afinal todos os métodos de interpretação são humanos por isso falíveis. Entendendo o seu lugar na busca pela

compreensão do texto bíblico, a hermenêutica pentecostal traz contribuições valiosas para a interpretação e aplicação de Lucas-Atos, o texto não é compreendido apenas como uma narrativa do passado, uma obra a ser dissecada por uma mente racional, cujo objetivo é entender o texto somente em sua época e contexto, mas é entendido também como teologia, uma obra viva e atual, que precisa ser não apenas entendida, mas vivida. Essa relação viva com o texto vem por meio da experiência, pois a mesma valida as histórias que estamos lendo, essa experiência com o texto vem por meio da ação do Espírito Santo, porque Ele é quem ilumina e nos ajuda a aplicar o que estamos lendo.

Esta dimensão teológica do texto é a contribuição mais significativa da hermenêutica pentecostal, ela nos convida a considerar Lucas-Atos como um padrão a ser vivido em nossos dias. As histórias dos personagens bíblicos se tornam a nossa história, o Deus de Abraão, Isaque e Jacó é o nosso Deus. O texto ganha vida, fala aos nossos dias, podemos encontrar encorajamento, direção, fortalecimento em seus relatos, que não são apenas narrativos, mas sobretudo teológicos. Ainda há muito a se percorrer nos estudos de Lucas-Atos, os escritos lucanos têm sido objeto de estudo em diversas publicações, indicando um campo promissor de pesquisas. O presente texto visa trazer uma pequena contribuição introdutória para os estudos dessa importante obra do Novo Testamento.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, G. L. **Pentecostal Hermeneutic: Part II. Paraclete** 28.2 (1995), p. 13-22.

COLLE, Del Ralph et al. **Batismo no Espírito Santo: um debate entre tradições**. Editor: Chad Owen Brand. Natal, RN: Carisma, 2019. 416 p.

DUNN, James D.G. **Baptism in the Holy Spirit**. Published by The Westminster Press. Philadelphia, 1970, 248 p.

HOLDCROFT, L. Thomas. **The Holy Spirit: A Pentecostal Interpretation**. Gospel Publishing House, 1979, 252 p.

KEENER, Graig S. **A Hermenêutica do Espírito: lendo as Escrituras à luz do Pentecostes**. São Paulo: Vida Nova, 2018, 629 p.

OSBOURNE, Grant R. **A Espiral Hermenêutica: uma nova abordagem à interpretação bíblica.** São Paulo: Vida Nova, 2009, 767 p.

MARSHALL, I.Howard. **Fundamentos da Narrativa Teológica de São Lucas.** Natal RN: Carisma, 2019. 392 p.

MENZIES, Robert P. **Pentecostes: essa história é a nossa história.** 1ª Ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2016, 171 p. Edição do Kindle.

STRONSTAD, Roger. **A Teologia Carismática de Lucas: Trajetórias do Antigo Testamento a Lucas-Atos.** Rio de Janeiro: CPAD, 2021, 176 p.

STRONSTAD, Roger. **Hermenêutica Pentecostal: Espírito, Escritura e Teologia.** Natal RN: Carisma, 2020, 319 p.

STROSTAD, Roger. **Teologia lucana sob exame: experiências e modelos paradigmáticos em Lucas-Atos.** Natal RN: Carisma, 2018. 240 p.

STTOT, John. **Batismo e Plenitude do Espírito Santo.** São Paulo: Vida Nova, 1986, 128 p.

Siqueira, Gutierrez; Terra, Kenner. **Autoridade bíblica e experiência no Espírito.** Thomas Nelson Brasil, 2020, 351 p.

Siqueira, Gutierrez Fernandes. **O Espírito e a Palavra.** Rio de Janeiro: CPAD. 2019. Edição do Kindle.

SHELTON, James. **Poderoso em palavras e obras: o papel do Espírito Santo em Lucas-Atos.** Natal RN: Carisma, 2018, 268 p.

YONG, Amos. **O Espírito derramado sobre toda a carne: pentecostalismo e a possibilidade de uma teologia global.** Campinas SP: Aldersgate, 2022, 469 p.